



ENTRE CLIO E MNEMOSYNE: HISTÓRIA, MEMÓRIA E AS LEMBRANÇAS DA DITADURA CIVIL-MILITAR NAS NARRATIVAS ESTUDANTIS DE UMA ESCOLA PÚBLICA FLUMINENSE

LEANDRO ROSETTI DE ALMEIDA*

De que forma as lembranças podem servir às aulas de história? Em que medida este aspecto da memória – a faculdade de lembrar – pode servir de ferramenta, para uma aula de história que vise à reflexão sobre a vida prática das e dos estudantes? É possível que a consciência histórica de estudantes possa amadurecer a partir dos relatos de experiências de vida de seus familiares, vizinhos e amigos? As respostas – ou as novas questões – que foram descobertas com a pesquisa compõem o trabalho que aqui é apresentado, sendo ele mesmo parte do estudo que culminou na minha dissertação de mestrado: *Museu da Lembrança: história ensinada, narratividade e memória*, defendida no ano de 2016.

No ano de 2015 foi lançado o desafio para que alunos e alunas de duas turmas de 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Evangelina Porto da Motta, em Duque de Caxias, Baixada Fluminense (RJ), entrevistassem pessoas próximas ao seu convívio. A proposta da entrevista partiu de um incômodo pessoal que experimentei ao longo daquele ano. A onda de protestos que inflamou o país naquele ano contou com manifestações diversas a respeito de assuntos do tempo presente, entre os quais, os que versavam pela política, pela democracia e pela liberdade de expressão. Curiosamente, algumas pessoas se destacaram por, em nome da liberdade democrática, defenderem o retorno do regime militar. Uma onda de reações a este tipo de expressão tomou conta das redes sociais naquele contexto. Muitas delas questionavam o papel das aulas de história – ou da falta delas – nos sujeitos que se resguardavam do direito de exigir a intervenção militar como solução para a instabilidade política vivida pelo país.

A demanda que surgiu da *práxis da vida*¹ (RÜSEN, 2010) retornou aos/às alunos/as como uma proposta pedagógica de investigação das lembranças que afetavam a vida

*

Mestre em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

1 Ou *vida prática*.



2

das pessoas que viveram a ditadura militar. As/os estudantes foram orientados/as a entrevistar pessoas de sua proximidade que pudessem ter algum tipo de lembrança referente à época da ditadura militar. Foram realizadas 11 entrevistas nas duas turmas, que eram orientadas de acordo com quatro perguntas norteadoras. A segunda parte da atividade consistiu em dissertar sobre o seguinte tema: “A ditadura militar e os dias de hoje”. Os textos redigidos pelos e pelas estudantes foram considerados como narrativas históricas nesta pesquisa.

Perguntas norteadoras das entrevistas

1. O/A entrevistado/a tem consciência do regime militar?
2. Ele/a se envolveu?
3. Ele/a é contra ou a favor da ditadura?
4. Que informações ele/a traz desse período?

Ao examinar as entrevistas realizadas, revelou-se que a atuação das lembranças no refinamento da consciência histórica dos/as estudantes é mais complexa do que uma simples adição de vetores a uma equação cujo produto final seja a narrativa histórica. Algumas das falas dos/as entrevistados/as estavam cortadas pela existência das aulas de história, e/ou pela consciência delas. É o que diz uma das pessoas abordadas durante o processo: “Eu não sei nada sobre a ditadura, só ouvi falar, mas sei lá, quem deve saber disso, meu filho, é a minha filha, ela vive estudando sobre isso, mas eu não ligo pra essas coisas, não”, afirmou M.H., entrevistada do aluno J.P.. A escola, os/as professores/as de história e suas aulas seriam os/as responsáveis por oferecerem respostas que se fazem, no presente, ao tempo que passou. A entrevistada da aluna P.S., por sua vez, afirma ser contra o regime militar “pela falta de democracia”, e esta informação não advém da experiência vivida pela entrevistada pois, segundo a aluna, “ela não lembra de muito o que ocorreu” e endossa: “Por mais que o militarismo estivesse presente e governando, ele não estava muito de cara comigo”, respondeu M.J., no auge de seus 85 anos.

Já o entrevistado S.C.M., pai do aluno S.C.A., afirmou que uma de suas



3

lembranças sobre o período militar foi o *quebra-quebra*² e a falta de abastecimento. O entrevistado nasceu no ano de 1966 e viveu na cidade de Duque de Caxias, nas proximidades da escola em que seu filho estuda. Esta não é uma lembrança incomum. Existe uma memória que é compartilhada por muitos/as moradores/as da cidade relativa ao episódio conhecido como “quebra-quebra”, com uma literatura respeitável sobre o tema. O “quebra-quebra”, contudo, foi um episódio que ocorreu no ano de 1962, quatro anos antes de o entrevistado nascer e dois anos antes do golpe civil-militar que deu levou ao poder o general Castelo Branco. Contudo, o entrevistado afirma que este episódio estava em suas lembranças [sobre a ditadura]. De que forma explicar, senão pela tradição oral, pelas rodas de conversa entre amigos e familiares, pelo compartilhamento de experiências através das gerações, que o senhor S.C.M. se lembra do que não viveu? A lembrança, portanto, como um exercício de memória, é alimentada pela vida social ou pelo que, neste trabalho, chamamos de *história pública* (ALBIERI, 2011). Este termo faz referência ao conjunto de informações, imagens, depoimentos, lembranças compartilhadas e toda a sorte de relações que remetem ao passado e que afetam o indivíduo ao longo de sua existência, agindo direta ou indiretamente na construção de suas próprias lembranças.

É importante considerar ainda a possibilidade de as próprias lembranças registradas pelos/as alunos/as serem, em maior ou menor grau, marcadas pelos conhecimentos prévios desses/as próprios/as estudantes. Aqui é necessário admitir que existe a possibilidade dos escritos fornecidos sejam parte de um jogo de negociação entre aluno/a e professor mediado pelo peso da avaliação. É impossível ter a garantia plena, sem os recursos indispensáveis para tanto, de que as falas e opiniões registradas correspondam às vozes daqueles e daquelas que foram entrevistados/as. E, para este trabalho que tem a marca da iniciativa experimental, essa correspondência não foi exatamente uma exigência. As ações dos/as alunos/as que possam forjar e/ou alterar as falas dos/as entrevistados/as devem ser entendidas como estratégias criativas absolutamente compreensíveis dentro da rotina escolar.

A partir das entrevistas, percebeu-se que as lembranças evocadas estão em uma

2

Manifestação coletiva de depredações de estabelecimentos comerciais em uma época de escassez e racionamento de alimentos, precisamente ocorrida em 1962, nas periferias do Rio de Janeiro.



4

relação mais dialógica com os demais agentes responsáveis pelas narrativas históricas produzida pelas/os estudantes, as quais manifestam a consciência histórica destes sujeitos. Elas também são afetadas pelas aulas de história e pelos diversos meios por onde as narrativas sobre o passado circulam. Elas não apenas podem oferecer suporte aos alunos e às alunas para a produção de narrativas históricas, mas também podem receber deles/as conteúdos significativos capazes de moldar as arestas que desenham a lembrança enquanto texto narrativo.

Práxis da vida: quando a lembrança faz sentido

Com o objetivo de dar sentido às entrevistas realizadas com pessoas do convívio dos/as estudantes, a proposta aqui apresentada procura demonstrar de que forma as informações recolhidas com os/as entrevistados/as foram apropriadas pelos/as alunos/as. Primeiramente, fora temerário supor que todos os/as alunos/as se comprometeriam em dissertar, de modo autoral, a respeito de sua percepção sobre a ditadura militar. Ao serem identificadas narrativas não-autorais – isto é, material plagiado de outros/as colegas e/ou da Internet – estas automaticamente foram descartadas para este estudo. Daquilo que razoavelmente pôde ser considerado autoral, resultou uma lista de dezenove narrativas históricas. Dentro desse escopo de quase vinte textos, entre muitos temas presentes nas lembranças dos/as entrevistados/as, foram escolhidas cinco:

a) repressão aos (não) trabalhadores

Foram três (A05, A10 e A11) as narrativas que de alguma forma se preocuparam em identificar a ditadura como um período em que era necessário às pessoas daquela região andar com a documentação enquanto estivessem na rua. Um dos alunos diz que: “As pessoas tinham todas que ter carteira de trabalho e estar trabalhando, senão eram levados e presos” e completa, associando a repressão policial à resistência do povo, atuando diretamente sobre a expectativa da classe trabalhadora: “Com a insatisfação e o cansaço do povo, eles foram às ruas protestar contra o regime e pedindo com que a democracia voltasse a reinar no país”. Outro relato sobre a repressão aos (não) trabalhadores difere da perspectiva acima. A



5

exigência de documentação a transeuntes e a prática da chamada “lei da vagabundagem” é aliviada, senão compensada, pelo clima de segurança da ditadura:

Entretanto não havia roubo, furto, tráfico, em meio à sociedade. Havia mais segurança de um todo, não tinha politicagem que tem hoje em dia. A polícia, o exército, etc., eram acatados e respeitados, não era igual a hoje em dia, que mesmo com tanta liberdade que temos, o direito de ir e vir, a possibilidade de fazermos o que quisermos em [ilegível] ficamos presos, “retidos” de uma certa forma, medindo lugares e horários por causa da insegurança dos roubos e tudo mais, coisa que na época da ditadura não tinha. (Narrativa histórica da aluna A10)

Em uma das entrevistas, o destaque vai para as continuidades que resistiram à mudança de regime político: “(...) ao olharmos por ‘debaixo do tapete’ ou nem tão por debaixo assim, o que veremos será a velha ditadura, apenas com uma roupagem diferente”. Nesse sentido, a aluna demonstra uma consciência do tempo presente absolutamente sofisticada, ao identificar nele permanências traduzidas, por exemplo, no racismo institucional da polícia militar:

Sabe aquele policial que oprimia em agressões o negro por ser negro na ditadura? Então, ele ainda existe, e hoje, de vez em outra, um negro pobre tem que ter cautela ao ir à praia de ônibus, porque vai que uma viatura ao avistá-los possa os confundir com marginais. Na velha ditadura, você tinha que ter sempre em mãos sua carteira de trabalho, e hoje, na nova, você não pode sair sem seu RG, afinal você nunca sabe quando a polícia pode te parar. (Narrativa histórica da aluna A11)

Não se trata, pois, unicamente de reprimir à classe trabalhadora. Trata-se de repressão às pessoas negras. A informação sobre negritude não esteve presente em nenhuma das entrevistas, e possivelmente ela está relacionada ao conhecimento adquirido na escola ou por algum outro meio onde seja possível aprender sobre o passado (conforme sustenta a história pública). A aluna relacionou aquilo que para ela possuía significado na lembrança – a repressão aos (não) trabalhadores – a uma discussão bastante inflamada no tempo presente a respeito da cultura do racismo. A narrativa está organizada de modo a dar sentido à vida prática da aluna. Por isso, não importa que vivamos em um regime democrático. Quando o cassetete da polícia rasga a pele, a democracia se desfaz e em seu lugar toma assento ou a “velha ditadura” – iniciada com o golpe de 1964 – ou a “nova ditadura” – o regime do tempo



presente.

b) aspectos positivos da ditadura militar

Cinco narrativas procuraram destacar elementos positivos na ditadura militar. Este é um dos itens fundamentais desta pesquisa; ele procura entender de que forma as imagens positivas daquele regime nas lembranças dos/as entrevistados/as se reproduzem nas narrativas escritas pelos/as estudantes. Um dos textos cita os abusos dos militares, as agressões aos trabalhadores e até mesmo mortes. Não gasta mais do que duas linhas para reconhecer aspectos negativos do regime. São os únicos. O restante da narrativa se baseia nas desvantagens do presente sobre o passado.

Pelo que parece, o governo de hoje em dia tem muito mais corrupção, muito mais roubo, e hoje o Brasil está passando por uma crise por esse motivo, e para piorar o dólar está acima de R\$4,00, aí tudo está aumentando, tudo em cima da corrupção desse governo. Por exemplo, a “Lava-Jato”. É um absurdo, fora do normal, os caras roubam bilhões e depois sai como se não tivesse acontecido nada, e na época da ditadura eu creio que o governo não era assim. (Narrativa histórica do aluno A02)

O aluno não ignora o que considera negativo neste passado, mas o que ele registra sobre esse passado é quase irrelevante diante do caos político e econômico do tempo presente. Ao não crer que “na época da ditadura (...) o governo não era assim”, ele reforça a lembrança de uma das entrevistadas, M.E., para quem o regime militar possuía muito mais organização, era mais regado e seguro, e onde não havia tráfico. Há também um diálogo significativo com a entrevista de J.C.O., para quem hoje em dia não se sabe quem é “bandido” e quem é “honesto”. Quais são os dados que atestam, na narrativa, que “hoje em dia tem muito mais corrupção, muito mais roubo”? Inexistem. Não mobilizando, ou não conhecendo, dados relativos a roubos e corrupção na ditadura, o aluno conclui que as mazelas do tempo presente se explicam pelo próprio tempo presente, reforçando desta maneira a ruptura com qualquer vínculo que ele possa ter com o passado.

Um outro aluno se apropria da máxima da inexistência ou da baixa incidência de criminalidade no passado: “Roubos? Raridade. Ninguém era louco, até porque se existia um mal a se temer, querer arrumar brecha para a morte era realmente idiotice. Como se pode ver,



7

a ditadura limitava [tanto] os bons como os ruins” (Aluno A09). Para ele, a baixa incidência de roubos não se explica pela eficiência das políticas de segurança empreendidas pela polícia, mas justamente pelo que esta organização representava no imaginário da população – o abuso de poder – motivo pelo qual ela seria “um mal a se temer”. Para ele, o fim do regime se deveu basicamente aos movimentos de resistência popular ante os desmandos que causaram, por exemplo, a crise de abastecimento. Ao ser traduzida em narrativa pelo aluno, a dificuldade de comprar alimentos não apenas é uma face da ditadura militar como é a razão que explica o seu fim. Para o aluno, explicar o fim da ditadura a partir da revolta popular é a questão central que ordena a sua narrativa, a lembrança que ele coloca como decisiva no passado, que faz sentido para ele, a qual ele ordena “de acordo com um sistema racional no momento mesmo da evocação” por ocasião dos instantes em que “acontece a ‘tomada de memória’”, (...) tomada de consciência de si mesmo” (CANDAUI, 2014: 65-66). Para o aluno, assim como no passado – história, mestra da vida – o futuro do país depende, no presente, da resistência popular: “a solução não tem que vir do governo, e sim do povo, como o próprio solucionou os problemas na ditadura militar”.

c) criminalidade

Este se tornou um dos grandes balizadores para os alunos se referirem tanto ao tempo presente quanto ao passado. Ao todo, seis narrativas (A02, A05, A07, A08, A09 e A10) foram construídas tendo a questão da segurança pública como norteadoras dos seus textos. Algumas já foram abordadas direta ou indiretamente nos parágrafos acima, porque o tema é tão pujante que se articula intrinsecamente com outros temas. A questão dos roubos, por exemplo, se articula com a imagem positiva relativa à ditadura. Em outras narrativas, a ausência deles é o contraponto necessário para justificar as operações policiais contra (não) trabalhadores.

d) liberdade de expressão

A menina dos olhos dos/das jovens. A liberdade de expressão é o segundo maior



8

tema recorrente nas narrativas históricas examinadas. Este assunto é presente em onze³ das dezenove narrativas consideradas para esta pesquisa. Tema importante na afirmação identitária da juventude, expressar-se livremente se mostrou um ponto importantíssimo de ligação entre o presente e o passado, um instrumento eficaz para despertar a *empatia histórica* (COOPER Apud DUTRA, 2004), chave para o ensino e a aprendizagem da disciplina.

De acordo com as narrativas, com as restrições que existiam, a circulação de ideias na sociedade “ficou empobrecida” (Aluna 01) pois “as pessoas não podiam nada, não podia se reivindicar, falar e até mesmo dar opiniões sobre tudo” (Aluna A16), diferente dos dias de hoje, onde “nós somos todos livres, podemos opinar (...) hoje em dia somos todos livres, mesmo comparando a ditadura passada para a de hoje” (Aluno A17). Narrativas como essas estão marcadas pelas vantagens advindas com a democracia. O passado é descredenciado por meio daquilo que hoje, entre os jovens, é considerado precioso: “O Brasil tem algo que jamais, por lei, pode nos ser tirado: temos a liberdade de expressão” (Aluna A20).

Uma aluna associou a falta de liberdade de expressão à política de controle da pobreza: “as coisas eram muito proibidas, principalmente os pobres não tinham direitos de nada. Pessoas que tinham dinheiro que tinha o poder. Hoje em dia já vivemos muito diferente, temos direitos de falar, de lutar pelo que a gente quer” (Aluna A19), afirma a estudante. Outra identificou na liberdade de expressão o maior alvo da repressão durante a ditadura:

A liberdade de expressão, por exemplo, foi a mais atacada entre todos os direitos. Atualmente, ainda há essa restrição por parte da própria população. A sociedade brasileira atual adentrou ferozmente em um estado conservador atípico, onde o simples ato de falar tornou-se famigerado (...). Este conservadorismo exacerbado acaba por retroceder a evolução, ou seja, a fuga para a liberdade torna-se uma espécie de corrida em círculos, onde por mais que haja o desejo de seguir em frente, o retorno ao começo será evidente. (Narrativa da aluna A12)

Para ela, o ataque à liberdade de expressão é uma marca de continuidade entre o tempo passado e o presente. Na visão da aluna, o conservadorismo que cerceia a expressão dos pensamentos, das opiniões, das visões de mundo, age na contramão do que ela imagina ser o esperado em relação ao tempo: que ele evolua. De modo convicto, expressa sua

3 Narrativas A01, A03, A09, A10, A12, A14, A16, A17, A19, A20 e A21



9

consciência do tempo e da história: “Deve-se espelhar os passos dados no presente com os do passado, para que assim possa haver um certo controle para com o futuro”, tornando-se expoente de uma visão afetada pela concepção de história como mestra da vida.

Mas nem todas as narrativas são unânimes em reconhecer na falta da liberdade de expressão existente na ditadura militar uma desvantagem em relação ao tempo presente. Uma das alunas (Aluna A10) – não por coincidência, uma das que entrevistou a senhora M.E. – acredita piamente que “hoje em dia é tudo muito exposto, tudo muito fácil” e que em sua visão “isso prejudica muito uma criação”, afirma. A liberdade, para ela, não apenas é ilusória como é prejudicial, porque atenta contra a criação das crianças. Ela diz: “mesmo com tanta liberdade que temos, o direito de ir e vir, a possibilidade de fazermos o que quisermos (...) ficamos presos, (...) medindo lugares e horários por causa da insegurança dos roubos e tudo mais, coisa que na época da ditadura não tinha”.

e) violência policial/militar

Eis a quase unânime das intenções narrativas dos estudantes. Doze⁴ em dezenove textos trouxeram a violência policial para a interlocução entre presente e passado. É impossível dissociar este número expressivo das contingências do tempo presente. Ao aludirem a um passado violento protagonizado pelas instituições policiais/militares, grande parte das/os estudantes identifica as continuidades das práticas de agressão, mas também demonstra a consciência de que essas práticas são repudiáveis, tomando partido em relação a elas. Porém, três narrativas chamaram a atenção por identificarem continuidades temporais de suma importância. Uma delas já diz respeito à repressão aos negros, abordada parágrafos acima. Gostaria de me debruçar sobre as outras duas. Uma revela uma percepção recorrente sobre uma espécie de ditadura “disfarçada”:

Qualquer pessoa que tentasse se envolver era torturada de alguma forma. Nos dias de hoje ainda existiam alguns casos assim. Mas todos são, ao máximo, mantidos em segredo. Aliás, aos olhos de muitas pessoas, o que aconteceu foi que pessoas pegaram a ditadura e aplicam, disfarçadamente, nos dias de hoje. (Narrativa da aluna A21)

4 Narrativas A01, A02, A03, A04, A05, A08, A09, A11, A13, A14, A20 e A21



A outra demonstra consciência de que vivemos em uma democracia, mas que existem forças que se esforçam para que o país “volte ao passado”:

Por mais que a maioria dos policiais ainda ajam de forma bruta e ainda tentem fazer com que o Brasil volte para aquele tempo horrível, nunca conseguiriam, porque além de serem poucos os que querem, o Brasil não permitiria, porque ninguém que tenha o que temos iria querer voltar atrás. (Narrativa da aluna A20)

As duas alunas conseguem identificar o passado como gestor de práticas consideradas abusivas cujos reflexos são sentidos no tempo presente. Na segunda narrativa, a história cumpriu a sua função; as conquistas alcançadas são importantes o suficiente para blindar o futuro do Brasil de um retorno à ditadura militar. Seu otimismo, no mínimo, é inspiração para aqueles e aquelas que partilham de sua esperança.

Estudo das narrativas históricas estudantis sobre a ditadura militar

Com inspiração na *Grounded Theory*⁵, realizou-se a análise das narrativas estudantis com vistas a identificar as lacunas em relação ao aprendizado das/os alunas/os no tocante à complexa e dialógica relação entre passado e presente na constituição do tempo histórico e sua função prática de orientação da vida humana. O exame das narrativas históricas revelou dados que puderam ser quantificados e qualificados. O processo de tabulação desses dados levou em consideração três fatores: as percepções sobre o passado, as percepções sobre o presente e as percepções sobre a conexão que se dá entre os tempos presente e passado. Estudando esses dados e as narrativas, algumas inquietações nasceram e se converteram em questionamentos, a saber:

5 A *Grounded Theory* é uma metodologia surgida há mais de trinta anos, vinculada à tradição do interacionismo simbólico e à Escola de Chicago. Foi proposta inicialmente por Glaser e Strauss na obra *The discovery of Grounded Theory: Strategies for a qualitative research*, publicada em 1967. Valorizando o envolvimento do investigador no processo de pesquisa, ela se baseia na ideia de que os resultados que são obtidos são revelados por meio do método da descoberta. É uma metodologia de análise qualitativa de dados, mas que se abre às técnicas quantitativas. Tem como objetivo maior a criação de uma teoria construída com base na coleta e na análise rigorosa e sistemática de dados, constantemente comparados – entre os quais, relatos históricos, entrevistas, diários, vídeos e cartas – realizadas por um investigador cuja pesquisa se dá por meio de um processo indutivo de produção de conhecimento. (FERNANDES & MAIA, 2001)

a) *Quais são os aspectos positivos do passado (ditadura)?*

Foram poucas as narrativas que dissertaram sobre alguma imagem positiva da ditadura, apenas quatro. A narrativa do aluno A02 diz que atualmente existe muito mais corrupção e impunidade no país, e que ele acredita que na ditadura não era assim; a narrativa da aluna A07 diz que para determinados segmentos do passado a ditadura era vista como uma “ótima escolha”; já a narrativa do aluno A09 afirma que a sociedade no passado passou a se respeitar mais devido ao excesso de repressão e de perigo, e que a incidência de roubos era raridade, uma vez que “ninguém era louco, até porque se existia um mal a temer, querer arrumar brecha para a morte era realmente idiotice”; a aluna A10, em sua narrativa, é a única que faz uma defesa mais enérgica do regime militar: “não havia roubo, furto, tráfico (...). Havia mais segurança de um todo, não tinha politicagem que tem hoje em dia. A polícia, o exército, etc., eram acatados e respeitados”.

b) *O que pensam os/as alunos/as que não conseguem perceber o tempo presente a partir de vantagens sobre o passado? Por que conquistas importantes do regime democrático são ignoradas? Quem são esses/as para quem o presente é tão somente feito de imagens negativas?*

Quatro alunos se enquadram nesta questão. A crise econômica no Brasil serviu de cenário a algumas narrativas, assim como a existência de “muito mais” corrupção, da Lava-Jato e da impunidade. Este é o cenário do tempo presente segundo a narrativa do aluno A02. Já para o aluno A05, “nos dias de hoje vivemos uma democracia onde políticos só roubam”. A aluna A08 que critica “esses tipos de roubo com quem trabalha para ter o pão” é a mesma que conjectura um cenário bastante desfavorável do mundo atual, onde “existe tudo quanto é tipo de coisa que acontece, tipo violência, pobreza, desigualdade, preconceito, é um pouco de tudo”. Já para o aluno A09, nos dias de hoje existe um “grande mal no estado”, talvez relacionado ao fato de que ainda existem pessoas acima da lei que, como na época ditadura, limitam “tanto os bons como os ruins”; mal este cuja solução “não tem que vir do governo, e sim do povo”. Entretanto, existe um diferencial; a partir do momento em que o aluno alude a uma solução (que vem do povo), ele mobiliza seu horizonte de expectativa. O presente é



negativo mas pode vir a ser positivo. Não deixa de ser uma narrativa de esperança.

c) Que tipo de visão da história possuem aquelas/es que só percebem a relação passado/presente por meio das rupturas? Existe, afinal, algum tipo de relação do presente com o passado, já que o mundo de hoje se resume às diferenças com o mundo de ontem?

As duas narrativas que só mobilizam rupturas para explicar a passagem do passado para o presente são das alunas A14 e A19. A primeira faz uma oposição convicta entre o tempo da ditadura e o tempo da democracia: “A ditadura foi os tempos mais sofridos e tristes da história do país. Um tempo em que opiniões, pensamentos, morais, direito e deveres do cidadão não existiam (...)”, enquanto a democracia “foi um divisor de águas na história do país. Hoje as pessoas têm direito à sua própria vida, a documentos, a saúde, a cidadania, a hospitais, a educação. Hoje podemos nos expressar de todas as formas e maneiras”. A segunda narrativa também dá ênfase ao contraste entre a privação de direitos (ditadura) e o acesso a eles (democracia): “As coisas eram muito proibidas, principalmente os pobres não tinham direitos de nada. Pessoas que tinham dinheiro que tinha o poder. Hoje em dia já vivemos muito diferente, temos direitos de falar, de lutar pelo que a gente quer”. As duas visões demonstram uma percepção do tempo marcada pela superação através da democracia e da conquista de direitos.

d) Considerando um cenário absolutamente desfavorável no passado e um cenário absolutamente favorável no presente, a ruptura é claramente uma marca que caracteriza a relação entre uma temporalidade e outra. Contudo, algumas narrativas que possuem este padrão, trazem também marcas de continuidade. Por que? Que continuidades são essas? Que elementos de um passado exclusivamente negativo permanecem em um presente exclusivamente positivo?

São três as narrativas que afirmam existirem continuidades entre um passado absolutamente desfavorável e um presente absoluto em favorabilidade. A primeira (A01) é bastante lacônica e tão somente sugere que existem continuidades: “Acabou muita coisa que aconteceu no passado na época da ditadura militar”. Muita coisa não é tudo. O que restou, afinal? A lacuna abre margem para um trabalho pedagógico investigativo que dê conta de

pesquisar as permanências do passado (ditadura) no presente (democracia). A última narrativa (A04), um tanto confusa, traz a ideia de que “só restam as lembranças de infância dentro de conflitos e de guerra”, permanecendo na lembrança os conflitos de uma época bélica associada à ditadura. A segunda (A03) é mais precisa ao identificar em que medida as marcas da ditadura permanecem nos dias de hoje: “Nos dias de hoje a ditadura militar está apenas na história e na memória das pessoas que viveram naquela época. Hoje em dia, ainda se vê alguns loucos que querem a volta da ditadura, mas isso porque não estavam lá”. Considero esta narrativa mais sofisticada, aproximando-se de uma consciência histórica do tipo genética, conforme propõe Rüsen (2010), porque a relação passado e presente da aluna leva em consideração as transformações características do mundo de hoje, as quais são filtros para que os paradigmas do tempo que passou possam ou não permanecer. A ditadura hoje não existe justamente porque está circunscrita a um outro tempo. Ela existe na memória de quem a viveu. Hoje, com a experiência da democracia, querer novamente um regime ditatorial é coisa de “alguns loucos”, é querer reviver um paradigma que, com a experiência dos últimos anos da nova república, não faz sentido.

TABELA – Estudo das narrativas históricas sobre a ditadura militar

Alunx	Eixos centrais	Passado	Conexão	Presente
A01	Violência, direitos humanos, protestos, música	Negativo	Ruptura Continuidade	Positivo
A02	Democracia, violência, trabalho, crise econômica.	Negativo Positivo	Ruptura Continuidade	Negativo
A03	Direitos, tortura, música, censura, precisão cronológica , classes sociais, referência aos EUA, golpe civil-militar, história e memória	Negativo	Continuidade Ruptura	Positivo
A04	Direito ao voto, guerra, violência, morte tortura, futuro.	Negativo	Ruptura Continuidade	Positivo
A05	Precisão cronológica , golpe, referência aos EUA/URSS, tortura, trabalho, democracia, corrupção, volta da ditadura, criminalidade.	Negativo	Ruptura Continuidade	Negativo
A06	Narrativa não-autoral http://novaescola.org.br/ditadura-militar/ .	***	***	***

A07	Ditadura como (ótima) escolha, (não) direito ao voto, criminalidade, prisão.	Negativo Positivo	Ruptura Continuidade	Positivo
A08	Violência, pobreza, desigualdade, preconceito, maldade, criminalidade.	Negativo	Ruptura Continuidade	Negativo
A09	Volta da ditadura, precisão cronológica , crise de abastec., liberd. de expressão, violência, solução a partir do povo	Negativo Positivo	Continuidade Ruptura	Negativo
A10	Controle, toque de recolher, esporte, trabalho, segurança, acesso à informação, futuro.	Negativo Positivo	Ruptura Continuidade	Positivo Negativo
A11	Repressão, opressão, direitos, liberdade, igualdade, violência, negro, pobre, trabalho, controle, polícia, criminalidade	Negativo	Continuidade Ruptura	Negativo Positivo
A12	Liberdade, prisão, opressão, direitos, democracia, evolução, tempo circular, futuro	Negativo	Continuidade Ruptura	Positivo Negativo
A13	Poder, autocracia, oligarquia, democracia, autoritarismo, violência, punição, trabalho, segurança, cidadania	Negativo	Continuidade Ruptura	Positivo Negativo
A14	Sofrimento, opinião, cidadania, repressão, música, violência, pobre, democracia, educação, saúde, poder, felicidade,	Negativo	Ruptura	Positivo
15	Direitos, povo, opinião, punição, direito ao voto, precisão cronológica , democracia, segurança, controle, prisão	Negativo	Ruptura Continuidade	Positivo Negativo
A16	Privação, televisão, poder, dinheiro, punição, liberdade, povo, opinião, controle	Negativo	Ruptura Continuidade	Positivo Negativo
A17	Precisão cronológica , proibição, controle, liberdade, opinião, direito ao voto, polícia,	Negativo	Ruptura Continuidade	Positivo Negativo
A18	Narrativa não-autoral (A14)	***	***	***
A19	Proibição, controle, direitos, dinheiro, poder, educação, trabalho, direito ao voto, liberdade	Negativo	Ruptura	Positivo
A20	Música, polícia, censura, artistas, jovens, violência, futuro, liberdade de expressão	Negativo	Ruptura Continuidade	Positivo Negativo
A21	Evolução, liberdade de expressão, direito ao voto, liberdade, música, censura, tortura,	Negativo	Ruptura Continuidade	Positivo Negativo
A22	Narrativa não-autoral (A21)	***	***	***



Considerações finais

Exercer o magistério tem sido um desafio para professoras e professores que respondem não (apenas) a um chamado vocacional e profissional, mas à jornada cotidiana de vivência e sobrevivência em um país profundamente marcado por injustiças, desigualdades e abismos sociais. Esta pesquisa não esteve alheio aos rearranjos de poder no contexto político no qual foi gerida e não ignorou o quadro grave em que se encontrava mergulhado o país, em especial no ano de 2016. Ao contrário, foi justamente este cenário que inspirou a investigação sobre a narratividade no ensino de história nesta pesquisa, tendo como eixo norteador o debate entre os discursos que versavam – à época – sobre as possibilidades de uma intervenção militar e os que condenavam o retorno da ditadura. De todo modo, o passado evocado para defender ou condenar o regime militar era rememorado através de lembranças advindas da própria vivência e/ou, especialmente, da história pública.

O que essas pessoas que viveram na ditadura militar têm a dizer sobre este período? Do que se lembram? Como se posicionam? E que pontes de significado podem ser construídas entre este período histórico e o tempo presente? São perguntas que tangenciaram e orientaram uma série de entrevistas realizadas, mas também as narrativas históricas construídas pelas/os próprias/os alunas/os a respeito da ditadura. Foi possível identificar a presença das lembranças nas narrativas, não de maneira mecânica; antes, filtrada pela capacidade dos/as estudantes significarem sua própria existência no mundo, dando sentido à informação que receberam de seus/suas entrevistados/as e que registraram em seus cadernos.

Esta talvez seja a tarefa mais difícil e mais ousada na lida com a juventude: contribuir com a busca de sentido para a vida. Porque existe o perigo da soteriologia educacional – aquela que se dispõe a salvar a juventude da perdição de um mundo caído. Mas é importante evitar a tentação do extremo oposto, aquele para quem a educação está com os dias contados e não há nada o que se possa fazer. Enquanto houver tempo, existirá historiador/a, haverá um/a professor/a de história que se aventure a pensar com seus alunos e suas alunas sobre ele. Pensar *junto*, não pensar *para*. Esse estudo foi o resultado da tentativa de buscar *junto* alternativas para que o ensino de história permaneça como símbolo aguerrido de uma educação libertadora, que possibilite a todas/os as/os envolvidas/os ensinar e aprender



com o tempo, esse invisível abstrato sobre o qual se assenta a esperança de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIERI, Sara. “História pública e consciência histórica”. In: ALMEIDA, J. R. e ROVAI, M. G. O. (orgs.) *Introdução à história pública*. São Paulo, Editora Letra e Voz. 2011. pp.19-28

ALMEIDA, Leandro Rosetti de. *Museu da Lembrança: história ensinada, narratividade e memória*. 2016. 161f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

COOPER, Hiraly. O pensamento histórico das crianças. In BARCA, I. (org.) *Para uma educação histórica de qualidade*. Braga: CIED, Universidade do Minho. 2004.

DUTRA, Soraia. *Uma revisão das pesquisas no campo do ensino e aprendizagem da história para crianças*. Comunicação no V Encontro Perspectivas do Ensino de História. Uma revisão das pesquisas no campo do ensino-aprendizagem da História para crianças. 2004.

FERNANDES, E. M. & MAIA, A. “Grounded Theory”. In: FERNANDES, E. M.; ALMEIDA, L. S. Almeida (orgs.). *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2001. pp.49-74

GABRIEL, Carmen T. “Teoria da história, didática da história e narrativa: diálogos com Paul Ricoeur”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.32, nº64, 2012, pp. 187-210.

GAGO, Marília. Concepções de passado como expressão de consciência histórica. *Currículo sem Fronteiras*, v.7, n.1, pp.127-136, Jan/Jun 2007

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências no tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto/Editora PUC Rio. 2006.

LIDDINGTON, Jill. “O que é história pública? Os públicos e seus passados.” In: ALMEIDA, J. R. e ROVAI, M. G. O. (orgs.) *Introdução à história pública*. São Paulo, Editora Letra e Voz.



2011. pp. pp.31-50

MONTEIRO, Ana Maria.. *Ensino de história: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro, 2002. (Tese de doutorado) – Departamento de educação - PUC Rio, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*. São Paulo, (10), dez. 1993.

OAKESHOTT, Michael. *Sobre a história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. v.3. Campinas (SP), 1997.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UnB, 2010.